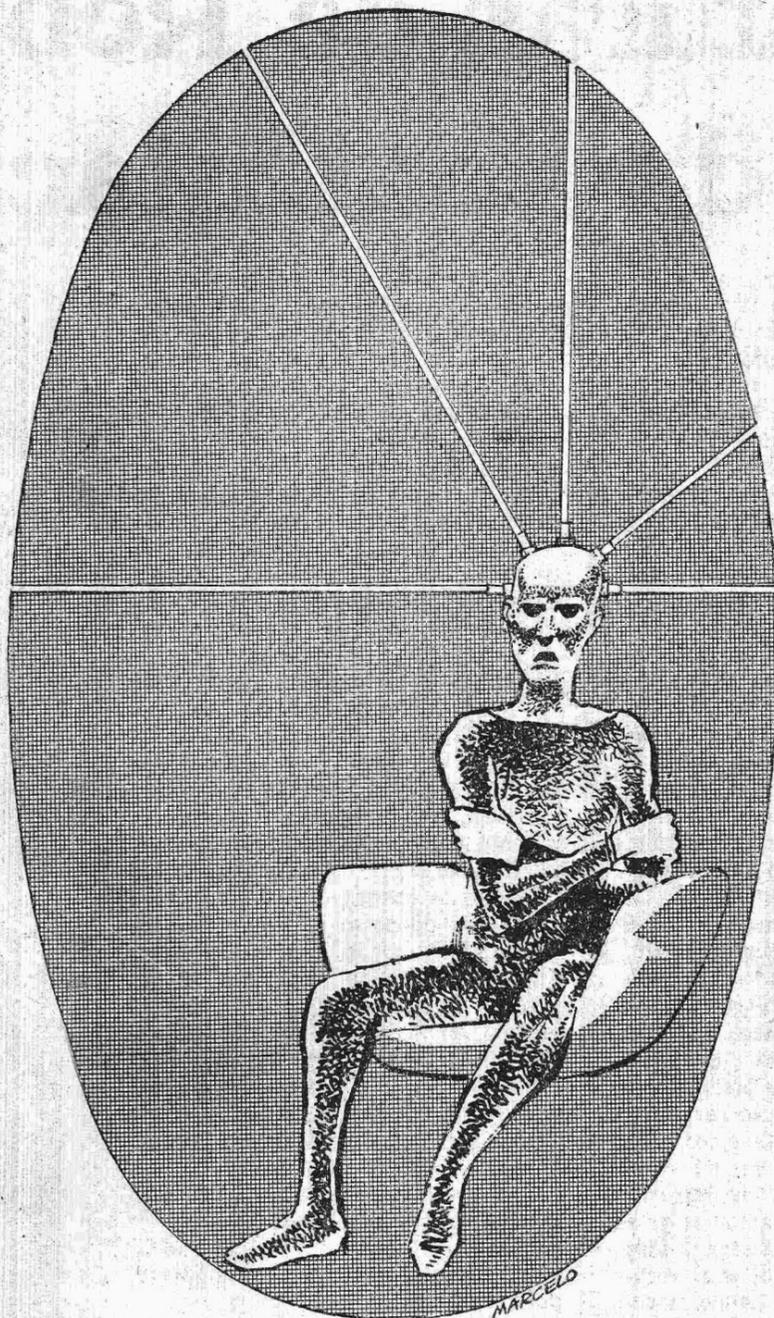


Hamburgo: De José Pablo Lopez

O emprego da psicocirurgia — substituída da antiga lobotomia —, em casos de comportamento radicalmente violento, causa uma onda de protestos. Alguns cientistas chegam a considerar a operação cerebral como um “assassinato parcial”, pelas alterações irreversíveis que provoca na personalidade. Já outros métodos para extirpar a violência estão sendo pesquisados, sem deixar, no entanto, de causar protestos. É o caso da “câmara do silêncio”, que cientistas alemães estão desenvolvendo, e na qual o indivíduo é mantido em completa escuridão, desligado do mundo exterior, a fim de permitir que sua agressividade seja medida.



COM O BISTURI NO CÉREBRO — 3

Câmara escura e solidão, o teste para a violência

JAMAI um dos misteriosos instrumentos empregados nas salas de pesquisa médica pareceu-se tanto com um aparelho de tortura como a “câmara do silêncio”, com a qual alguns médicos do Hospital Eppendorf, da Universidade de Hamburgo, tentam determinar as causas da agressividade e os modos de combatê-la.

Tanto o tema da investigação como a própria aparência da câmara, em que se estudam as reações de uma pessoa em estado de completo isolamento, despertaram protestos nos meios políticos universitários, que acusam a universidade hamburguesa de pesquisar novos sistemas de tortura e procuram “medir a relação entre opressão e resistência, a fim de encontrar os meios adequados para quebrar tal resistência”.

A investigação começou há sete anos, quando foram solicitados fundos à Comunidade Alemã para Investigação Científica — 95 por cento financiados pelo Estado e o resto por instituições privadas — para estudar os “aspectos psicodiagnósticos e terapêuticos da agressividade”.

Surgiu assim, em 1973, o “Campo Especial de Investigação 115”, com um financiamento inicial de 1.48 milhões de marcos (3.5 milhões de cruzeiros), com a sigla “SFB 115”, que passou a fazer a pesquisa, com a participação de cinco instituições universitárias hamburguesas dos setores da Medicina, Psiquiatria, Psicologia e Sexologia.

O SFB 115 foi dividido em 15 projetos, reunidos em três grandes grupos. Um ocupou-se da dependência entre doença e agressividade, em pacientes afetados por males crônicos e submetidos a condições de isolamento (peças separadas, pulmões de aço) e monotonia, que podem provocar frustração e agressividade e piorar, assim, sua situação.

O segundo grupo dedicou-se a projetos para eliminar a agressividade, com tratamentos psicoterapêuticos, e o terceiro de estabelecer, mediante testes de todos os tipos, as leis psíquicas e biológicas da agressividade, traçando, em seguida, uma base “diagnóstica, metodológica e teórica” para futuras investigações.

Assim descrito, o projeto SFB 115 não se diferencia de muitas investigações graças às quais se obteve o atual avanço da Medicina. Mas três projetos do segundo grupo despertaram suspeitas, pois entravam no campo da experimentação da agressividade com indivíduos submetidos a todos os tipos de testes dentro da chamada câmara do silêncio.

A câmara do silêncio é um dispositivo ovalado de 2.5 por 2 metros, sem luz, dentro do qual o indivíduo, sem sensações visuais, auditivas, táteis ou olfativas, fica inteiramente desligado do mundo exterior, sentado numa cadeira apenas dotada de um botão, que lhe servirá para interromper a experiência, se esta se tornar insuportável para ele.

O indivíduo fica, assim, inteiramente à mercê do investigador, em condições tais que este pode, através de diversos “truques”, provocar-lhe frustrações causadoras de reações agressivas. Estas, então, são medidas, através de eletrodos ligados a seu corpo, capazes de registrar as ondas cerebrais, os batimentos cardíacos, os movimentos nervosos dos dedos, a pressão sanguínea, a respiração e outros dados que, finalmente, são colocados num computador.

— O isolamento produz uma frustração que se manifesta em agressão aberta, hostilidade e ira contra pessoas do mundo exterior, agravada pela monotonia e incerteza quanto ao futuro, dizem os pesquisadores do SFB 115. E isto é o que se pretende provar com a câmara do silêncio.

Um dos fatos mais controvertidos relacionados com esta investigação é o de que em duas das três experiências utilizam-se soldados do exército alemão, aos quais são pagos 50 marcos pela participação voluntária. Um grupo de 80 passa pela experiência de isolamento total durante seis horas, e outros 80 submetem-se à do isolamento com um “companheiro fictício, ou seja (e eles sabem), apenas um ruído de respiração, vindo de um gravador.

Na terceira experiência, tomam parte 40 estudantes, aos quais é dito que seu único contato com o mundo exterior depende de um computador, mergulhando-os, assim, numa atmosfera de insuportável automatismo.

Calúnias

A duração dos testes pode chegar a seis horas, espaço de tempo “ainda demasiado curto”, segundo informa um dos pesquisadores. Um período maior faria a experiência parecer ainda mais com uma tortura.

O objetivo amplo das investigações é o estudo da agressividade no campo médico e a relação entre médico e paciente, mas seus resultados, denunciam círculos universitários, poderão ser utilizados com outros fins — para eliminar dissidentes do sistema, por exemplo, ou como simples meio de tortura “higiénico”, que não deixa marcas.

— Tudo pode acontecer — diz um investigador —, mas nós não estamos fazendo a pesquisa com este objetivo e não podemos nos deter para fazer tais considerações. Do contrário, estaríamos impedindo a marcha da ciência.

A Universidade de Hamburgo defendeu os pesquisadores das “infames calúnias” lançadas contra eles, o que não chegou a apaziguar os espíritos demasiado inquietos. Relatório dos acusadores chega a mencionar a organização Amnesty International, quando afirmou que, “mediante o isolamento, pretende-se quebrar a vontade do indivíduo a degradar sua qualidade de ser humano”.

— FINAL —